

## ENSINO DE QUÍMICA NA TRANSIÇÃO PÓS-PANDEMIA: LIMITES E POSSIBILIDADES JUNTO AO PÚBLICO DA EJA

Beatriz Rodrigues Siqueira<sup>1</sup>  
Maria Elyara Lima de Oliveira<sup>2</sup>  
Elizangela da Silva Dias Souza<sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

A pandemia provocada pelo Sars-Cov-2, que começou em meados de 2020, causou mudanças significativas em vários setores estruturais da sociedade brasileira, dentre eles: a educação. Os métodos de ensino tiveram que ser modificados pela execução de aulas remotas, utilizando-se de meios como: vídeoaulas, plataformas virtuais, redes sociais, e-mails, exercícios e outras atividades através de formulários etc. Não obstante, houve uma ampliação das dificuldades para se manter um ensino de qualidade, principalmente para as disciplinas das ciências exatas, entre estas, a química. Quando se pensa sobre estes aspectos junto a modalidades de ensino como a Educação de Jovens e adultos (EJA), nota-se uma complexidade ainda maior, considerando que na maioria das vezes esse público nem sempre tem contato direto com as Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

No sentido de problematizar essa realidade, o presente estudo trata-se de uma reflexão de cunho teórico-prático, extraída a partir da realização de práticas de ensino de química através do Estágio Supervisionado III, executado durante a graduação em Licenciatura em Química, no período de transição entre a pandemia da COVID-19 e a abertura das instituições de ensino para as atividades presenciais.

As alterações causadas pela pandemia, repercutem no retorno dos alunos ao âmbito escolar, trazendo desafios aos professores e alunos, que tiveram que aprender a lidar com os recursos do ensino remoto e voltarem para sala de aula, com uma bagagem de defasagem e obstáculos. Sobre este ponto salientamos o posicionamento de Freire (apud GADOTTI, 2010,

---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) – *Campus* Ouricuri, [beatriz.rodriques@aluno.ifsertao-pe.edu.br](mailto:beatriz.rodriques@aluno.ifsertao-pe.edu.br);

<sup>2</sup> Mestre em Educação e Ensino pela Universidade Estadual do Ceará (UECE); Professora de EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) – *Campus* Ouricuri, [maria.elyara@ifsertao-pe.edu.br](mailto:maria.elyara@ifsertao-pe.edu.br);

<sup>3</sup> Mestranda em Extensão Rural pela Universidade Federal do Vale do São Francisco – (Univasf); Professora de EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sertão Pernambucano (IFSertãoPE) – *Campus* Ouricuri, [elizangela.dias@ifsertao-pe.edu.br](mailto:elizangela.dias@ifsertao-pe.edu.br);

p. 9): “[...] não basta matricular os pobres na escola, mas preciso matricular com eles também a sua cultura, os seus desejos, seus sonhos, a vontade de ser mais”. Isso nos leva a refletir sobre a necessidade de olhar para o público de jovens e adultos reconhecendo suas demandas, sua percepção cultural, conhecimento de vida e alcançando possibilidades de efetivar seus sonhos de fato.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) “os sujeitos se apropriam dos conteúdos, transformando-os em conhecimento próprio, por meio da ação sobre eles, mediada pela interação com o outro” (BRASIL, 1998, p. 33). Nesse sentido, é preciso construir um processo de ensino que não se perca em memorizar fragmentos de um texto, trata-se de interagir com ele, entender o que está escrito e conectar as ideias com o conhecimento adquirido ao longo da vida. Ao trabalhar com os alunos em estratégias que correlacionem a teoria com exemplos do dia a dia ou, até mesmo, proporcionar que o aluno veja o que está sendo estudado nas ações práticas é uma forma de facilitar seu aprendizado e engajá-lo para o bom desempenho em diversas atividades escolares. É justamente nesta linha de reflexão que Britto (2012, p. 56): “Estudar é uma ação reflexiva pela qual se quer conhecer e explicar fatos do mundo material, da vida humana, das singularidades pessoais. Neste sentido, é um trabalho intelectual, pressupondo finalidade e compromisso e exigindo condições apropriadas [...]”.

Ressalte-se que nossa experiência, tanto na docência quanto na pesquisa, tem mostrado que o ensino prático de química continua sendo um dos maiores desafios para os professores das escolas do país. Acontece com muita frequência que os alunos vão estudar ano após ano sem compreender o que estão a ler e discutir, sem independência e têm dificuldades em relacionar os estudos com sua rotina. No âmbito da EJA este é um cenário que precisa de análise e problematização no sentido de promover mudanças. Neste anseio é que nos propomos com essa investigação a refletir sobre os limites e possibilidades para o ensino de química junto ao público da EJA na transição pós-pandemia

## **METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)**

Como caminho metodológico, adotou-se a abordagem qualitativa e como procedimento: a Pesquisa-ação. A investigação qualitativa toma como premissa a ideia de que é preciso olhar para o fenômeno social a partir da análise das várias dimensões que permeiam sua configuração. Enquanto que a pesquisa-ação se estrutura a partir da visão qualitativa, tendo como finalidade não apenas perceber e registrar dados do real, mas traçar e executar intervenções sobre o mesmo (GIL, 2002).



O locus de execução da investigação foi uma Escola Estadual de Ensino Médio, localizada no município de Santa Cruz-PE. Neste espaço social, desenvolveu-se ações de intervenção através de práticas pedagógicas para o ensino de química junto ao público de estudantes de EJA - Módulo III, com idade entre 19 e 35 anos. Na condução das atividades de ensino e aprendizagem, buscou-se fazer a integração entre o uso da tecnologia e metodologias ativas.

Inicialmente, foi realizado um pré-levantamento para identificar as possíveis necessidades dos alunos da EJA módulo 3 da instituição educacional investigada. Perguntamos aos alunos qual foi sua maior dificuldade quando voltaram para o ensino presencial. Houve muitas declarações, no entanto, teve destaque o fato de que praticamente todos mencionaram que tiveram enorme dificuldade para acompanhar e executar as atividades, pois já haviam perdido o hábito de estudar em um ambiente presencial e não lembrava do que tinham estudado no semestre passado.

De posse desses dados colhidos, decidimos utilizar metodologias ativas de ensino. Para tanto recorreu-se a exploração de textos selecionados a partir das preferências dos estudantes, seguidos de círculos de conversa sobre os elementos destacados nos escritos. Em sequência utilizou-se estratégias de correlação das reflexões desenvolvidas para problematizar os conteúdos de química orgânica. Realizou-se a montagem de moléculas por meio de recursos de baixo custo (palitos de dente e jujubas).

Perante as atividades propostas, foi feita uma observação detalhada das dificuldades que os estudantes encontraram e nesse momento ocorreu a intervenção que o discente se avaliaria e avaliaria seu colega, trazendo o aluno, não somente como receptor de conteúdo, mas transmissor do mesmo. Por fim, verificamos quais atividades foram efetivas para o aprendizado dos estudantes, tendo como parâmetro a observação, análise da desenvoltura dos mesmos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados deste estudo mostraram, portanto, que as atividades ajudaram os alunos a prestar mais atenção aos textos que leem e aos conteúdos debatidos, correlacionando-os a realidade cotidiana. Através destas ações pode-se perceber o quanto é importante trabalhar com uma metodologia flexível, elaborada a partir de um planejamento coerente, pois isso permite adequar o ritmo de apresentação e retomada dos conteúdos de acordo com as necessidades dos discentes.

Diante de tal cenário é possível pensar que está sendo escrita uma nova história sobre a educação. Os educadores que se formam a partir dos desafios gerados pela pandemia, bem como sob a influência dos apontamentos das novas perspectivas metodológicas de ensino passam a compor uma nova geração de educadores. Profissionais mais atentos ao uso das múltiplas linguagens, ferramentas e abordagens metodológicas, com conceitos reelaborados e críticos, tornando-nos agentes de transformação na vida de cada aluno.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante a execução desta investigação foi possível perceber que os momentos de experiências em sala de aula, com o ensino de Química, podem influenciar no processo da aprendizagem e consequentemente, no desenvolvimento das dimensões: política, crítica e criativa por parte dos estudantes, aproximando-os do conhecimento químico.

Ademais, foi possível construir junto aos educandos a percepção e que a química está presente em suas vidas e que eles podem compreendê-la. Desenvolver essa percepção junto ao público da EJA foi muito importante não somente do ponto vista do desenvolvimento cognitivo, mas principalmente social e político.

**Palavras-chave:** Ensino de Química, Pandemia COVID-19, Metodologias ativas, Educação de Jovens e Adultos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL - MEC / Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITTO, L. P. L. **Inquietudes e desacordos:** a leitura além do óbvio. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

GADOTTI, M. **Educação de Adultos como Direito Humano.** São Paulo: Editora e Livraria Instituto Paulo Freire, Série Cadernos de Formação 4, 2010.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar Projeto de Pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.